PREVENÇÃO DE BULLYING NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONSTRUINDO AMBIENTES SEGUROS E INCLUSIVOS

VANESSA MARINHEIRO VERAS

RESUMO:

O presente estudo trata-se de uma reflexão sobre a importância da prevenção do bullying desde a educação infantil, com foco em práticas socioemocionais. O bullying causa muita dor e angústia nas vítimas, que muitas vezes, levam traumas para a vida adulta, prejudicando-os anos depois do ocorrido, dessa forma é preciso um enfrentamento que deve se iniciar desde os anos iniciais, no espaço da educação infantil. Mesmo diante da urgência de se tratar o bullying como problema sério muitas instituições continuam priorizando as habilidades cognitivas sem se importar com as habilidades socioemocionais. O objetivo do presente estudo é compreender o conceito de bullying e inteligência socioemocional e discutir a implementação de práticas e estratégias visando a prevenção e enfrentamento do problema desde a educação infantil. É um estudo qualitativo com procedimento de revisão bibliográfica. Os resultados encontrados apontam a importância da prevenção, a necessidade de vivências e práticas que levem os estudantes a vivenciar as habilidades socioemocionais para transformar o espaço da instituição escolar em um ambiente seguro e inclusivo para todos.

PALAVRAS CHAVE: Bullying; Educação Infantil; Inteligência socioemocional.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo apresenta uma discussão sobre a importância da prevenção do bullying desde a educação infantil, com foco em práticas socioemocionais nas quais é possível estudar a relação dialética com o mundo e com os outros convivendo e participando de práticas que contribuem com o desenvolvimento cognitivo, social, emocional e busca ajudar educadores, pais e responsáveis a lidar com essa questão.

Os estudos sobre Bullying são recentes e ganharam destaque nas últimas duas décadas por ser a escola um local com grande incidência do fenômeno. No mês de março de 2022 foram noticiados pelo menos três casos de estudantes esfaqueados por colegas de classe em escolas de educação básica de São Paulo (SP, Distrito Federal (DF) e Porto Seguro (BA) (VALLE, 2022).

Bullying é um termo da língua inglesa (bully = "valentão") que compreende todas as formas de atitudes agressivas, verbais ou físicas, intencionais e repetitivas e ocorrem sem motivação evidente (OLWEUS, 1993 apud CHAVES e SOUZA, 2018). São exercidas por um ou mais indivíduos, com o objetivo de intimidar ou agredir outra pessoa sem ter a possibilidade ou capacidade de se defender, sendo realizadas dentro de uma relação desigual de forças ou poder.

O bullying causa muita dor e angústia nas vítimas, que muitas vezes, levam traumas para a vida adulta, prejudicando-os anos depois do ocorrido. O bullying é um problema sério que afeta estudantes em todo o mundo, e a educação infantil é um momento crucial para prevenir e combater essa forma de violência a partir de práticas que priorizem a inteligência socioemocional e a convivência, tornando essencial que as instituições de ensino se dediquem a criar ambientes seguros e inclusivos, promovendo o respeito, a empatia e a compreensão entre os alunos desde cedo.

A infância é um período de singularidades, nessa importante etapa da vida humana as interações da criança com o mundo e com os outros são relevantes para um processo de desenvolvimento e de aprendizagem significativa. O interesse pelo assunto surgiu da necessidade de qualificar-se frente a experiência com as habilidades socioemocionais na Educação Infantil, sendo um eixo fundamental para se educar com qualidade, previsto nos documentos curriculares para a modalidade (BNCC, 2017).

Após alguns anos realizando o trabalho docente com crianças de diversas faixas etárias, adquirindo experiências e vivências, a escolha do tema vem ao encontro da necessidade de aprofundamento nesse assunto, pois constata-se no trabalho diário junto as crianças é possível trabalhar com propostas nas quais o respeito, a empatia, a convivência e o diálogo fazem parte do cotidiano escolar e o quão importantes são e quanto faz toda a diferença no processo de desenvolvimento e aprendizagem das crianças um ambiente inclusivo. Dessa forma, o objetivo do presente estudo é compreender o conceito de bullying e inteligência socioemocional e discutir a implementação de práticas e estratégias visando a prevenção e enfrentamento do problema desde a educação infantil.

É um estudo qualitativo com procedimento de revisão bibliográfica. Foram selecionados artigos na plataforma digital scielo publicados nos últimos vinte anos e também os documentos curriculares ministeriais: Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, BNCC, 2017) e Brinquedos e brincadeiras na creche (BRASIL 2012). Para entender a criança e seu desenvolvimento e a contribuição das teorias psicogenéticas que auxiliaram a entender como a criança aprende e o que é necessário para que seja um processo edu-

cativo significativo. Foram destacadas as teorias de Jean Piaget, Henry Wallon, Lev S. Vygostky e Howard Gardner e apresentadas a contextualização teórica, histórica e filosófica da educação socioemocional nos currículos contemporâneos a partir do artigo de Abed (2016) que apresenta a luta por inserir a educação socioemocional nas escolas brasileiras.

2. BULLYNG, EDUCAÇÃO E INTELIGÊNCIA SOCIOEMOCIOMAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL

O bullying é caracterizado por ações repetitivas e intencionais de agressão, poder ou exclusão, ocorrendo em uma relação desigual de poder entre as partes envolvidas. Na educação infantil observa-se que as manifestações de bullying acontecem de diversos modos: xingamentos, agressões físicas, exclusão social e intimidação. Um ambiente com crianças pequenas, em pleno desenvolvimento, que estão construindo saberes cognitivos, afetivos e sociais enquanto interagem e vivenciam diversas experiências aponta a possibilidade de um trabalho com os conceitos advindos da inteligência socioemocional e com práticas que permitam aos pequenos vivenciar a empatia, o respeito, o convívio, a colaboração entre partes baseados no diálogo e no respeito.

É fundamental que educadores e responsáveis estejam atentos a esses comportamentos e intervenham de forma adequada. A seguir o estudo foi dividido em três seções iniciando pelo conceito de bullying, em seguida seus estudos com foco no espaço educacional e nas formas de prevenção e, por fim apresenta a possibilidade de uma educação socioemocional desde a educação infantil.

2.1 BULLYING E PREVENÇÃO

Nas últimas duas décadas foi possível ver uma grande mobilização realizada pelas instituições que cuidam de crianças e jovens no combate ao bullying, pois o comportamento agressivo entre estudantes sempre existiu e era visto como natural, sendo frequentemente ignorado pelos adultos, contudo diante das inúmeras consequências negativas imediatas e tardias para todas as crianças e adolescentes direta ou indiretamente envolvidos vem se ampliando a adoção de programas preventivos continuados desde a educação infantil.

Sob a ótica da saúde, as práticas de prevenção apresentam melhora em prevenção de futuros problemas do consumo de álcool, drogas e redução de violência social e, em acordo com Lopes Neto (2005) a prevenção entre estudantes é uma medida de saúde necessária para garantir o pleno desenvolvimento de crianças e adolescentes, possibilitando uma convivência social segura e sadia.

Sob a ótica da educação os estudos indicam que a escola é o local com a maior incidência de bullying, sendo amplamente estudado na contemporaneidade que tem observado um aumento da violência e eventos fatais e discutido sobre a necessidade de práticas voltadas para a construção de uma prática mais inclusiva e voltada para habilidades socioemocionais. No artigo de revisão de Lopes Neto (2005) a "violência juvenil" que acontece na escola, cometida entre pessoas com idades entre 10 e 21 anos, cresce e persiste na vida adulta, sendo necessário sua ampla discussão por ser um problema social grave, complexo e muito frequente.

A "violência juvenil" diz respeito a comportamentos agressivos, antissociais, conflitos interpessoais, danos ao patrimônio, atos criminosos dentre outros. É importante destacar, em acordo com o autor que, muitas dessas situações dependem de fatores externos a escola e cujas intervenções estão fora do alcance das instituições e de seus funcionários, contudo para a maioria das situações a solução possível poderia ser resolvida no próprio ambiente escolar, destaca ainda que o comportamento violento, resulta da "interação entre o desenvolvimento individual e os contextos sociais, como a família, a escola e a comunidade" (LOPES NETO, 2005, p.2).

A instituição escolar, muitas vezes, acaba reproduzindo o modelo do mundo exterior, nos quais os ambientes tornam-se inseguros, pois espaços nos quais a violência, o medo e o sofrimento se fazem presentes na vida de estudantes de todas as idades tornam-se motivo de angústia e desmotivação, seja na educação infantil ou demais modalidades de ensino. Mesmo a escola sendo de grande significado para crianças e adolescentes há os que não gostam dela e disso resulta desempenhos insatisfatórios, comprometimentos físicos e emocionais à sua saúde ou sentimentos de insatisfação com a vida. Em acordo com Lopes Neto (2005) quando o estudante percebe que tem apoio ele tem maiores chances de ter relacionamentos interpessoais positivos e um desenvolvimento acadêmico satisfatório e explica que:

"[...] O bullying e a vitimização representam diferentes tipos de envolvimento em situações de violência durante a infância e a adolescência. O bullying diz respeito a uma forma de afirmação de poder interpessoal através da agressão. A vitimização ocorre quando uma pessoa é feita de receptor do comportamento agressivo de uma outra mais poderosa. Tanto o bullying como a vitimização tem consequências negativas imediatas e tardias sobre todos os envolvidos: agressores, vítimas e observadores" (CRAIG e HAREL, 2004 apud LOPES NETO, 2005, p.3).

Entende-se que o bullying compreende todas as formas de atitudes agressivas, intencionais e repetidas que ocorrem sem motivação aparente, adotadas por um ou mais estudantes contra o outro (s), dentro de uma relação desigual de poder, sendo essa assimetria decorrente de diferença de idade, tamanho, desenvolvimento físico ou emocional, ou do maior apoio dos demais estudantes (LOPES NETO, 2005).

Inicialmente o bullying foi erroneamente concebido como parte do desenvolvimento da criança e como algo que sempre existiu nas escolas em todos os lugares do mundo, contudo Chaves e Souza (2018) destacam que dessa forma corre-se o risco de naturalização e partindo do pressuposto que nenhum ambiente é neutro é necessário investigar os interesses sociais, políticos e econômicos ou a ele associados e fazem uma denúncia sobre a estreita relação desse fenômeno com o preconceito reproduzindo a barbárie na atualidade (FANTE, 2005; PEREIRA 2008 apud CHAVES e SOUZA, 2018).

O bullying é compreendido como subcategoria do comportamento agressivo, cujo objetivo é infringir danos ou causar desconforto em alguém, diferentemente de outros comportamentos agressivos, pois para se caracterizar como bullying é preciso ter um desequilíbrio na relação de poder (asymetric power relationship), é um termo de origem inglesa que tem como significado "intimidar" ou "agir com crueldade", são exemplos de bullying: chutar, empurrar, apelidar, xingar, acusar injustamente, ridicularizar, excluir intencionalmente, ameaçar e difamar (CHAVES e SOUZA, 2018).

Os estudos de Olweus (1993) permitiram compreender que algumas características externas que as vítimas possuíam os faziam ser alvos de bullying, como por exemplo: obesidade, uso de óculos corretivos, cabelos ruivos, dentre outros, contudo em acordo com o próprio autor não devem ser enfatizadas conceitualmente para descrever o conceito, e em suma o bullying pode ser caracterizado em três fatores:

1º Comportamentos agressivos com o intuito de provocar danos intencionalmente;

2º Tais comportamentos ocorreriam repetidas vezes e

3º Trata-se de uma relação interpessoal que apresenta desequilíbrio de poder (OLWEUS, 1993 apud CHAVES E SOUZA, 2018, p.4).

É possível ainda somar-se a esses fatores que o bullying pode ser "direto ou indireto", no caso de comportamentos não explícitos como excluir intencionalmente ou espalhar rumores, dentre outros. Os efeitos são os mesmos, a curto prazo as vítimas podem apresentar insônia, reações psicossomáticas, pensamentos depreciativos e grande dificuldade de interação com os demais (CHAVES e SOUZA, 2018).

A longo prazo as vítimas podem apresentar dificuldades em relacionar-se com outras pessoas e ações que podem aumentar quadros depressivos e até mesmo levar ao suicídio. Já para o agressor a curto prazo pode se consolidar uma conduta autoritária que implicará em consequências mais adiante, como dificuldades nos relacionamentos em virtude de comportamentos agressivos e ao longo da vida poderá cometer atos infracionais. Mesmo os que não estão envolvidos diretamente podem apresentar problemas de relacionamento interpessoal (CHAVES e SOUZA, 2018).

2.2 EDUCAÇÃO INFANTIL E INTELIGÊNCIA SOCIOEMOCIONAL

No momento atual mostra-se urgente a reformulação e incorporação de novos saberes ao processo educativo com a inserção de habilidades subjetivas e valorização das diversas abordagens aos conteúdos sempre atrelado aos aspectos sociais do processo. Na educação brasileira há uma valorização das habilidades cognitivas em detrimento das habilidades sócio emocionais, com indícios que denotam que a carência dessas habilidades tem impactado negativamente o resultado dos alunos brasileiros em avaliações como o Programme for International Student Assessment (PISA) (Abeid, 2014 apud SCHEFFLER, MULLE e VERSUTTI, 2020, p. 2).

As bases filosóficas sobre o surgimento da educação socioemocional consistem apontam que a escola ocidental privilegiou "o pensamento lógico e a transmissão dos conteúdos considerados válidos", ou seja, priorizou a transmissão de conhecimento e não sua produção. No período pós-iluminista ficou marcado pelos conhecimentos pragmáticos transmitidos por um professor "que sabe" a um aluno "que não sabe", sendo as habilidades socioemocionais desconsideradas enquanto conteúdos a serem trabalhados pela escola (ABED, 2016, p. 3).

Nos dias atuais, mesmo diante da necessidade crescente das habilidades socioemocionais serem uma urgência no ambiente escolar muitas instituições escolares continuam ancoradas em concepções voltadas a práticas conteudistas de preparação cognitiva, o que não se trata de descuidar dos conteúdos, mas sim de resgatar os demais aspectos do "humano", reintegrando-o assim em "suas múltiplas facetas constitutivas" (ABED, 2016, p. 3).

"[...] Alunos, professores, diretores, coordenadores, bibliotecários, merendeiras, familiares....Todos na escola têm emoções e estabelecem vínculos – com os conhecimentos e com as pessoas. Portanto, reinserir as

habilidades socioemocionais na proposta pedagógica das escolas é considerar os seres que comparecem à escola em sua integralidade" (ABED, 2016, p.4).

As bases teóricas que fundamentam a necessidade de trabalhar as diversas habilidades socioemocionais na educação tiveram início com as abordagens interacionistas que concebem o ser humano como "resultante de um processo contínuo de construção, desconstrução e reconstrução e reconstrução nas e pelas interações sociais" (ABED, 2016, p.5). Vários teóricos contribuíram para a compreensão do processo de ensino, aprendizagem e desenvolvimento humano, dentre eles Piaget, Vygotsky, Wallon, Winnicott.

Jean Piaget (1896-1980) foi o pioneiro na proposta interacionista, acreditando na construção que se dá na interação de um sujeito ativo com o meio, em constantes processos de desequilíbrio e busca de novo equilíbrio. O autor defendeu as relações entre orgânico e o social como inseparáveis, quebrando a "dicotomia sujeito/objeto", investindo nas relações dinâmicas vivenciadas em ambientes estimulantes e diversos (ABED, 2014).

Henry Wallon (1879-1962) destacou a importância de se pensar no sujeito a partir do movimento, da emoção, da inteligência, do pensamento e da atenção em conjunto, ou seja, de acordo com o autor para compreender a psicogênese da pessoa completa é preciso considerar o indivíduo em sua totalidade afetiva, cognitiva e motora, sendo que os elementos se comunicam o tempo todo e auxiliam na formação do indivíduo (ALFANDERRY, 2010).

Lev S. Vygotsky (1986-1934) defendeu que o sistema simbólico do indivíduo é a sua interpretação do mundo, e esse sistema será construído a partir da interação sujeito com o meio social, compartilhando experiências e encontrando representações simbólicas para sua internalização. Ao se deparar com informação/objeto novo, a capacidade de interpretar o novo estará diretamente ligada à abrangência do sistema simbólico, que passa a ser mediador da interpretação e conquista da informação. A construção do conceito é uma ação do indivíduo, não um processo forçado de inserção de características de algo, conforme destaca Vygotsky, (2008) na citação a seguir:

"[...] A experiência mostra também que o ensino direto de conceitos é impossível e infrutífero. Um professor que tenta fazer isso geralmente não obtém qualquer resultado, exceto o verbalismo vazio, uma repetição de palavras pela criança, semelhante à de um papagaio, que simula um conhecimento dos conceitos correspondentes, mas que na realidade oculta um vácuo" (VYGOTSKY, 2008, p. 104).

A concepção interacionista compreende a importância das vivências dentro do processo histórico e em sua relação dialética com o mundo e com o outro na qual a consciência encontra na atividade humana as condições para o desenvolvimento e a transformação. Segundo Vygotsky (2004), "a consciência humana somente se forma no processo de interiorização por meio das relações sociais constituídas em atividade" e o conhecimento que o indivíduo pode alcançar de forma autônoma e outros conhecimentos que só serão alcançados com o auxílio de alguém, o autor nomeou de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) como sendo o que define a capacidade intelectual (VYGOTSKY, 2008 (apud MARQUES e CARVALHO, 2017, p.4).

A teoria das Múltiplas inteligências (GARDNER, 1997) demonstrou que a inteligência era composta por várias facetas entre as quais há uma relação de interdependência entre duas ou mais delas e defendeu que a inteligência está vinculada a capacidade de resolução de problemas, uma vez que o sujeito pode perceber e modificar a informação a partir de seu nível de compreensão de si e dos outros e permitiu que se passasse a reconhecer e valorizar as emoções, pois podem aumentar a eficácia tanto nas decisões quanto nos comportamentos (MARIN, et al, 2017).

A contribuição dessas abordagens para a educação foi relevante por permitir construir uma concepção que compreende o processo de ensino aprendizagem considerando os aspectos cognitivos, afetivos, emocionais e vem oferecendo uma nova forma de prática educativa na qual as habilidades socioemocionais sejam contempladas em todas as modalidades educativas.

Na educação infantil a contribuição das abordagens socio interacionistas permitem uma reorganização de conteúdos e ênfase em habilidades socioemocionais, contempladas na BNCC (BRASIL, 2022), e baseadas nas relações entre o desenvolvimento socioemocional e aprendizagem, permitindo assim a ampla promoção de habilidades socioemocionais na escola, com estratégias e práticas que permitem aos educadores encarar os desafios e transformar o ambiente escolar em espaço mais inclusivos.

A compreensão do termo infância como uma construção histórica, cultural e social atualmente é a mais considerada, entende a criança como diferente do adulto, um sujeito com características singulares, que aprende e produz história e cultura. (VEIGA, 2010). De acordo com Brougére (2010) a criança constrói cultura e aprende nos momentos em que está brincando, dessa forma o trabalho com crianças pequenas apresenta a necessidade de oferecer um amplo repertório de propostas lúdicas, através das quais serão registrados dados

importantes sobre como está acontecendo o processo educativo.

Ainda é preciso muitas ações para efetivar uma educação socioemocional nos currículos escolares nacionais, destacando que não é algo inédito, contudo, ainda sim, vista como revolucionária em tempos atuais, mesmo com a popularização da internet, que ao ampliar as fronteiras permitiu que o conhecimento ultrapassasse as fronteiras das universidades e alcançasse diferentes setores da sociedade, permitindo assim iniciativas e pesquisas de diferentes ordens (ABED, 2016).

No Fórum Internacional de Políticas Públicas – Educar para as competências do século 21" promovido pelo Instituto Ayrton Senna (IAS), Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) e MEC no qual foram compartilhadas práticas sobre o trabalho com as habilidades socioemocionais em várias escolas por diversos países, demonstrando que melhoram a aprendizagem e o progresso social (ABED, 2016).

De acordo com os pressupostos apresentados no Fórum a função da escola no século 21 vai além da transmissão de conhecimentos, deve contribuir para fortalecer as variadas competências de crianças e jovens auxiliando-os a construir uma vida produtiva e feliz em sociedade, que está em acelerada mudança. Nos dias atuais: "motivação, perseverança, capacidade para trabalhar em equipe e resiliência diante de situações difíceis" são habilidades necessárias (ABED, 2016).

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, BNCC, 2022), para compreender o conceito de competências socioemocionais é preciso compreender os estudos sobre as emoções, que historicamente foram abordadas sob diferentes perspectivas, no campo da neuropsicologia, da biologia, dos padrões de espécies, da psicopedagogia, da cultura, dentre outras.

As competências socioemocionais (Social Emotional Learning - SEL) adotadas pela BNCC para a educação do século 21, que devem ser contempladas nos currículos escolares da educação básica, propostas pela UNESCO são as seguintes:

Autoconsciência: envolve o conhecimento de cada pessoa, bem como de suas forças e limitações, sempre mantendo uma atitude otimista e voltada para o crescimento.

Autogestão: relaciona-se ao gerenciamento eficiente do estresse, ao controle de impulsos e à definição de metas.

Consciência Corporal: necessita do exercício da empatia, do colocar-se "no lugar dos outros", respeitando a diversidade. Habilidade de relacionamento: relacionam-se com as habilidades de ouvir com empatia, falar clara e objetivamente, cooperar com os demais, resistir à pressão social inadequada (ao bullying, por exemplo), solucionar conflitos de modo construtivo e respeitoso, bem como auxiliar o outro quando for o caso.

Tomada de decisão responsável: preconiza as escolhas pessoais e as interações sociais de acordo com as normas, os cuidados com a segurança e os padrões éticos de uma sociedade (BRASIL, BNCC, 2022, p.1).

O maior desafio é implantar as competências socioemocionais na mesma medida que as cognitivas acadêmicas, sabendo que essas beneficiam os alunos e contribuem de modo geral em prol do social, nesse novo contexto de rápidas mudanças que é o século 21.

A primeira etapa para a prevenção do bullying é a conscientização. Os educadores devem dedicar tempo para promover momentos e diálogos nos quais possa conversar com as crianças sobre bullying e as consequências negativas desse tipo de comportamento, podem ainda buscar na literatura, nas artes e nas brincadeiras estratégias para trazer o assunto para os pequenos. O aluno, mesmo sendo pequeno e vulnerável, já chega a escola sabendo muitas coisas, toma decisões, escolhe o que quer fazer, olha e pega coisas que lhe interessam, interage com pessoas e mostra em seus gestos, em um olhar, em uma palavra, como compreende o mundo a sua volta (BRASIL, 2012).

O papel dos educadores é incentivar o aprendizado desde muito cedo, contudo a atenção deve se voltar para a compreensão de que é preciso possibilitar interações para que a criança vivencie um ambiente seguro e inclusivo desde cedo, portanto o papel do educador é promover e enriquecer essa experiência, os permitindo um ambiente na qual a criança possa aprender dentro dos contextos sociais inclusivos e respeitosos (BRASIL, 2012).

A criação de um ambiente seguro e inclusivo é essencial para prevenir o bullying. Os educadores devem estabelecer normas claras de comportamento e reforçar constantemente a importância do respeito mútuo. Atividades que promovam a interação entre as crianças, o trabalho em equipe e a valorização das diferenças devem ser incentivadas. Além disso, é importante que as crianças se sintam à vontade para relatar qualquer incidente de bullying, sabendo que serão ouvidas e apoiadas.

A supervisão atenta dos educadores é fundamental para identificar prontamente casos de bullying. Eles devem estar presentes durante as atividades das crianças, observando o comportamento e as interações. Ao identificar qualquer sinal de bullying, é necessário intervir imediatamente. As intervenções devem ser firmes, mas também

educativas, visando ensinar às crianças envolvidas a importância do respeito e da empatia. É essencial que haja consequências claras para os agressores, a fim de dissuadir futuros comportamentos violentos.

A prevenção do bullying requer uma parceria sólida entre educadores, pais e responsáveis. É essencial que haja uma comunicação aberta e constante sobre o assunto. Os pais devem ser informados sobre a importância de discutir o bullying com seus filhos em casa, reforçando as mesmas mensagens transmitidas na escola. Caso ocorra algum incidente, é fundamental que os pais e educadores trabalhem juntos para lidar com a situação de forma adequada e apoiar todas as partes envolvidas.

A educação infantil é uma oportunidade valiosa para ensinar às crianças habilidades de comunicação e resolução de conflitos. Os educadores devem incentivar o diálogo aberto e o respeito mútuo entre os alunos, ensinando estratégias para lidar com situações difíceis de maneira construtiva. Isso inclui ensinar a importância de ouvir o outro, expressar sentimentos de forma adequada e buscar soluções pacíficas.

3 CONCLUSÃO

Após o estreitamento com os artigos selecionados e obras foi possível refletir sobre o conceito de bullying e a importância de se trabalhar com as habilidades socioemocionais desde cedo, a prevenção do bullying é urgente nos dias atuais, sendo possível concluir que prevenir a violência e construir um ambiente inclusivo é um trabalho que deve ser realizado desde a educação infantil.

Conclui-se que, mesmo a escola sendo um dos locais com maior incidência de bullying somente por meio da conscientização, da educação, da criação de ambientes inclusivos, da supervisão adequada, da parceria com pais e responsáveis, e da promoção do diálogo e resolução de conflitos será possível reverter essa situação e contribuir para se construir uma geração de crianças mais respeitosas, empáticas e tolerantes.

O trabalho com as habilidades socioemocionais é responsabilidade de todos os envolvidos na educação infantil e o presente estudo buscou contribuir para ampliar a reflexão sobre formas de trabalhar com parcerias, literatura, artes e diversas estratégias de enfrentamento e, assim garantir que todas as crianças possam se desenvolver em um ambiente saudável e acolhedor.

REFERÊNCIAS

ABED, A. L. Z. O desenvolvimento das Habilidades socioemocionais como caminho para a aprendizagem e o sucesso escolar de alunos da educação básica.

Construção Psicopedagógica, v. 24, n. 25, São Paulo, 2016. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415695420160001000 02. Acesso em mar. de 2024.

ALFANDÉRRY, H.G. Henry Wallon. Tradução Patrícia Junqueira. Org. Elaine Dias. Recife, Fundação Joaquim Nabuco (Coleção Educadores). 2010.

BRASIL. Competências socioemocionais como fator de proteção à saúde mental e ao bullying. MEC/CONSED/BNCC, 2022. Disponível em:

http://basenacionalcomum.mec.gov.br/implementacao/praticas/caderno-depraticas/aprofundamentos/195-competencias--socioemocionais-como-fator-deprotecao--a-saude-mental-e-ao-bullying. Acesso em mar. de 2024.

BRASIL. Brinquedos e Brincadeiras nas creches. Org. KISHIMOTO, Tizuko e FREYBERGER, Adriana. Brasília: Ministério da Educação. 2012. Disponível em: http://w3.ufsm.br/anuufei/wpcontent/uploads/2012/08/PublicacaoBrinquedosBrincadeirasCreches1.pdf-ultima-versao-10-04-12.pdf. Acesso em mar. de 2024.

BROUGÉRE, G. A criança e a cultura. In. O Brincar e suas teorias. Tizuko M.Kishimoto (org.). São Paulo: Cencage Learning, 2010, p.19-32

CHAVES, D.R.L; SOUZA, M.R. de. Bullyng e preconceito: a atualidade da barbárie. Rev. bras de ed., n.23, 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbedu/a/XMxfvL9nkJ7s8jQ8v9sSmjw/#. Acesso em mar. de 2024.

FANTE, C. Fenômeno Bullying: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Editora Verus, 2005.

LOPES NETO, A.A. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. Rio de Janeiro, J.pediatr., n.81, nov. 2005. Disponível em: https://www.scielo.br/j/jped/a/gvDCjhggsGZCjttLZBZYtVq/#. Acesso em mar. de 2024.

MARQUES, E. de S. A.; CARVALHO, M. V. C. Prática educativa bem sucedida na escola: reflexões com base em S. L. Vygotski e Baruch de Espinosa. Rev. Bras. de

Educ, vol. 22, n. 71, 2017. Disponível em:

https://www.scielo.br/pdf/rbedu/v22n71/1809-449X-rbedu-22-71-e227169.pdf Acesso em mar. de 2024.

MARIN, A.H. et al. Competência socioemocional: conceitos e instrumentos associados. Rev.bras.ter.cog., Rio de Janeiro, v. 13, n.2, jul/dez, 2017. Disponível em:http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180856872017000200004. Acesso em mar. de 2024.

SCHEFFLER, Nataniel; MULLE, Rafael L. D.; VERSUTTI, Fabiana M. Competências socioemocionais e habilidades sociais no contexto da produção científica: uma revisão de literatura. Pesquisas e Práticas educativas, v. 1, pp. 1-16, 2020.Disponível em: https://epf.unesp.br/pepe/index.php/pepe/article/view/16/15 Acesso em mar. de 2024.

VALLE, L. 10 iniciativas para prevenir e lidar com a violência nas escolas.

Instituto Claro, publicado em 05 de abril de 2022. Disponível em: https://www.institutoclaro.org.br/educacao/nossas-novidades/noticias/10-iniciativaspara-prevenir-e-lidar-com-a-violencia-nas-escolas/. Acesso em mar. de 2024.

VEIGA, C. G. As crianças na história da educação. In. Educar na infância: perspectivas históricas sociais. Org. Gislene de Souza. São Paulo: Contexto, 2010. p. 21-40.

VYGOTSKY. L. S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 2015 e.book. Disponível em: http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/vygotsky-a-formac3a7c3a3o-social-da-mente.pdf. Acesso em mar. de 2024.